

# Ecos d'África

**T**ALVEZ o estar com o pé no estribo para mais uma viagem a África me despertou do silêncio longo que nos separa da última publicação deste título. Mas a realidade que lhe deu origem, essa não sofreu pausas, graças a Deus; antes tem continuado sempre como a principal fonte de energia de que tomamos forças para o reerguer e sustentar das Casas do Gaiato em Angola e Moçambique. É o nosso Povo o grande financiador desta empresa, que consome muito, mas à qual nunca faltou o fio de água suficiente para fertilizar e fazer crescer a sementeira que só os limitados recursos humanos não permitem maior. Esta é a grande pobreza: o não ter ainda germinado por lá uma inquietação Sacerdotal que trouxesse aos nossos padres o conforto de uma ajuda fraterna e, sobretudo, a alegria de uma sucessão garantida pelas Igrejas locais.

A generosidade de tantos Amigos devotados da Obra da Rua, que sem nenhum apelo específico, só pelas notícias que o jornal lhes leva, nos têm

feito chegar os meios que tornaram possível o ressurgimento das Casas do Gaiato africanas, temos de entregar, sim, esta prioridade: que nos ajudem a implorar e a merecer os que depois de nós hão-de continuar a Obra no espírito que Pai Américo nos deixou.

De resto, não há dia em que o correio nos não traga sinais desta solicitude: quer de gente que, embora sem vínculos especiais a África, compreende a urgência do Evangelho para a libertação daqueles povos da miséria e da inércia em que jazem; quer de muitos que lá viveram e conservam no seu coração um lugar caloroso para aquelas nações.

Um casal de Pinheiro da Bemposta: «O que enviamos é destinado às necessidades em Benguela pelo amor que temos àquelas gentes e ao Padre Manuel António. Gostaríamos que fossem compradas telhas para as choupanas. No entanto, talvez a ajuda à alimentação ou doença valha mais. A tudo vai a nossa intenção.

Deus sabe bem aquilo que sofremos; mas é, sem dúvida, menos, muito menos do que sofrem esses irmãos».

«Não pode V. imaginar o quanto eu admiro o nosso querido GAIATO. Logo que chega, embora com muita dificuldade, só com a lupa, eu o leio de ponta a ponta.» E para além da sua assinatura, esta velha Amiga reparte largamente pelas Casas de África.

Outra, de Miraflores: «Ainda bem que estão em Moçambique. Estive lá, há pouco tempo, e vi como vale a pena lá trabalhar».

Agora é o Funchal: «O que junto é para ajudar na magnífica obra que estão a desenvolver nas martirizadas nações de Angola e Moçambique. Quando leio O GAIATO edifica-me muito o desvelo com que se têm dedicado à construção de edifícios escolares e outros nessas terras tão provadas pela guerra entre os irmãos. Que Deus vos ajude a nunca desanimar! Está assim mais do que nunca provado que o Santo Padre Américo bem merece as honras do Altar».

Continua na página 4



Limpeza da avenida de Benguela

## TRIBUNA DE COIMBRA

# Em matéria de educação não há receitas mágicas

**V**OLTO ao caso do «Buraca» e dos «Capazuco». Os miúdos não me saem do pensamento. Estes e outros entrelaçam a nossa vida num misto de alegria e dor.

Chamamos estes casos, para aqui, não para atirarmos pedras a ninguém ou nos queixarmos seja do que for. Temos de ser humildes, temos de reconhecer que em matéria de educação não há receitas mágicas. Só quem nunca educou um rapaz marcado pela rua e pelo abandono feroz é que pode cair nessa ilusão. Importa, contudo, valorizar aquelas

atitudes que são indispensáveis, aqui, agora e sempre no êxito educativo: A segurança afectiva, a estabilidade nos relacionamentos, a família. A criança precisa de segurança e estabilidade no seu pequeno mundo afectivo e relacional. E quando a família falha, como hoje, em tantos casos e dramaticamente, há que proteger e criar espaços humanos e educativos que as acolham e projectem para o futuro. É isso que nós procuramos ser para cada um dos nossos. Neste sentido, nós éramos uma solução para o «Buraca».

Tínhamo-nos empenhado vivamente nisso. A mãe — que não podia passar sem ele... Intenção, à primeira vista, justa, até para ambos. Só que a realidade é bem diferente. Onde a casa? O compromisso? A tal estabilidade? Travei com algum êxito, reflexão e sofrimento esta sua pretensão. Quando tudo parecia mais sereno, ela levou-o. Soube que já se não encontra com ela. Vive algures, em Espanha, com familiar próximo...

Desenraizamentos a somar a outros tantos já adquiridos numa idade em

que seria de todo vantajoso que o miúdo adquirisse a estabilidade necessária para enfrentar outros que lhe serão inevitáveis...

Que vamos fazer? Se não fosse a morosidade sentida e, até, às vezes, uma certa frieza como estes casos são tratados por quem de direito, ia por ele.

Mesmo assim, vamos tentar fazer algo para que não venha a ser mais um destruído nesta enxurrada que tenta submergir os mais fracos, sem dignidade humana e divina.

Padre João

## BENGUELA

# Fome e miséria dos nossos irmãos

**H**Á um caminho andado em favor da paz. Que não se volte atrás! Os olhos de todos estão postos na paz. Falo do nosso povo, em especial do que passa fome. O drama da fome é um grande desafio e uma grave acusação. Milhares de irmãos e irmãs nossos passam fome e muitos deles morrem por causa dela, especialmente crianças. A terra é capaz de alimentar a todos com abundância e dá para repartir. A resposta está no caminho da paz.

Nos últimos dias tenho sentido uma pressão maior de famintos. Faltou o milho e, por conseguinte, a farinha que é um elemento importante da alimentação. Enquanto a multidão de gente que enche os mercados paralelos e vive, sem condições humanas, nos bairros periféricos da cidade e noutros sítios, não regressar às suas terras de origem, o problema da alimentação é sempre grave. Há algum esforço para atenuar a gravidade da situação com a sementeira de milho nos campos que, antes, produziam cana de açúcar. É, porém, uma gota d'água no oceano imenso das necessidades. Nos campos do interior, que não têm fim, está a resposta definitiva. O caminho da paz é o único caminho seguro do regresso de parte da população às suas aldeias; que outra parte não quer regressar mais. Os mais jovens, sobretudo, terão muita dificuldade em abandonar o estilo de vida criado na situação presente. Está neles, potencialmente, um factor de instabilidade social. Quem dera chegue depressa o tempo em que os responsáveis pela governação possam dedicar o melhor de todas as energias na busca da solução destes problemas sociais.

Bem quereríamos aliviar a carga que pesa demasiado sobre a nossa Casa do Gaiato com a dependência directa de centenas de famílias completas que buscam nela a sua sobrevivência. Bem quereríamos, é verdade. Mas, para onde podem ir? Bem quereríamos sentir a alegria de as ver caminhar pelos seus meios. Não é possível, por agora. Por isso, mantemo-nos solidários com elas. Ajudamo-las a ter o pão para o estômago. A escola também é pão. Pedimos pão para os que passam fome aos homens da política e da economia. Pedimos pão para os que passam fome aos que barram o caminho da paz. Que a fraternidade prevaleça sobre a desenfreada busca do lucro.

Queremos assumir a pequena parte de responsabilidade que nos toca. Também nos diz respeito a fome e a miséria dos nossos irmãos. Que saibamos compartilhar o pão com os que não têm ou têm menos do que nós. Que saibamos abrir o nosso coração aos que sofrem por causa da miséria e da indigência. Que saibamos estender sempre, com discrição, a mão fraterna aos que têm vergonha ou escondem a sua angústia. Que o nosso pão esteja na mesa para todos.

Ultimamente, têm ocorrido à nossa Casa algumas mães a pedir o acolhimento de seus filhos, portadores de graves desvios. Depois de conversarmos um pouco, chegámos ao desequilíbrio da família. A causa primeira está na família. Nunca é demais insistir neste ponto. Na fase de reconstrução do País há que pôr os olhos na célula da vida social que é a família. Investir nela é investir na Nação inteira. Continuam a fazer falta, sobretudo, casas de acolhimento, lares temporários onde os filhos que vivem na rua, mas não são da rua, possam dar os primeiros passos para a vida normal. Quem dera as ajudas humanas chegadas de fora venham para esse campo também. Porque é um trabalho que exige continuidade, muita dedicação — não é muito apetecido.

Muitas Organizações não governamentais e Agências humanitárias, não têm conta, dão a sua ajuda.

Seguiu ontem para a Alemanha, uma das nossas vítimas do grave acidente de viação. É um dos trabalhos interessantes duma das Organizações. Aqui fica o nosso agradecimento.

Padre Manuel António

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CONTAS/97** — Apesar da sua aridez, do ponto de vista numérico, temos o dever de publicar as Contas da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, relativas ao último exercício.

Revelam alguns valores transcendentes, a montante e a jusante. Pobres luminárias que, da parte que nos toca, mau grado a nossa pequenez, apontam Jesus Pobre.

Durante o ano passado, recebemos dos Leitores d'O GAIATO mais de quatro mil contos para se acudir a muitas necessidades.

No capítulo da despesa, em auxílios domiciliários, distribuímos cerca de mil e setecentos contos. Novecentos, para os Autoconstrutores e reparação de casas do Património dos Pobres. Quatrocentos e cinquenta, em cuidados de saúde: medicamentos, próteses, etc. Quinhentos e oitenta, por Conferências Vicentinas e órgãos da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Seiscentos e quarenta, para difíceis problemas resolvidos pela Providência divina, na hora própria; sendo nós outros pobres meios de que Deus Se serve. Por isso, sejamos dignos d'Ele e dos Pobres a quem damos a mão.

**PARTILHA** — A equipa de vicentinos da Conferência de S. Cosme e S. Damião, de Gondomar, abre a coluna com seis mil, «sentindo não poderemos ser mais generosos». Acto fraternal!

Cinco mil, «para a viúva que muito sofre com a doença do filho». Mil, da assinante 66349, de Mem Martins, idem. Três mil, da assinante 54726, do Porto, idem. Mais idem, da assinante 7649, de Monção. Outra vez idem, da assinante 10840, de Coimbra; e uma riquíssima carta de outro vicentino, reformado, que serve na grande Lisboa, a quem vamos

responder pelo seu grande amor aos Pobres.

Mil, do assinante 24851, para serem «aplicados nas necessidades materiais da Conferência»; e um rico pensamento de Teresa de Lisieux: «A Alegria habita no mais profundo da alma. Podemos possuí-la tanto numa escura prisão como num esplêndido palácio».

Três vezes mais, da assinante 8047, de Lisboa: «Quantos são ajudados pela vossa Conferência...?!»

O habitual vale de correio de «uma portuense qualquer» que manda «a migalhinha relativa aos meses de Janeiro e Fevereiro, pedindo ao Senhor que continuemos a ajudar, a amparar os Irmãos mais carenciados».

Assinante 58519, do Porto: «Com muito gosto, remeto este cheque... Agradeço o anonimato, como habitualmente». Cumprimos.

Outro em «rigoroso anonimato» duma assinante de Tavira.

É tudo!  
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**SALÃO** — O nosso salão de festas está a ficar pronto e muito bonito!

Podemos já realizar o que fazíamos d'antes — as nossas festas.

**ESCOLA** — Os nossos rapazes estão a portar-se bem. E, para além das aulas, a hora de estudo é muito útil para os trabalhos escolares, para eles estudarem mais um pouco.

**FUGAS** — Andavam por aí uns fugitivos..., mas parece que já regressaram a sua casa — a Casa do Gaiato.

**VISITAS** — Somos visitados diariamente e ficamos sempre contentes quando nos apercebemos que há muitas pessoas que gostam de nos ver.

Não falando já de antigos gaiatos que vêm recordar velhos tempos.

**ANO NOVO** — Estamos no primeiro mês de 1998. Deus permita que haja muita paz e felicidade!

Rui Manuel

## TOJAL

**ANO NOVO** — Como tantos outros, já passou. Alguns rapazes tiveram a oportunidade de o festejarem com os familiares. Outros, que não tiveram oportunidade, não ficaram tristes porque foram compensados de outra maneira.

**BODAS D'OURO** — Em 4 de Janeiro, a nossa Casa comemorou o seu jubileu.

As 15h30 celebrou-se a Eucaristia, estando presentes muitos amigos, presidida pelo Senhor D. José Policarpo. Após a celebração seguimos para o pavilhão onde serviram uma merenda e se efectuou a distribuição de um livro intitulado «A Casa do Gaiato de Lisboa e o Palácio dos Arcebispos em Santo Antão do Tojal», comemorando os cinquenta anos da nossa Casa.

Aproveitámos também este acontecimento para realizar o encontro anual de gaiatos antigos.

**FESTAS** — Já existem ideias um pouco vagas para as Festas grandes. Agora, fica já aqui o pedido de material: maquiagem, fatos, etc.

Outro pedido, feito o ano passado e sem sucesso: microfones de lapela. Se alguém tiver algum e dele não fizer uso, aqui fica expressa a necessidade; e, muito obrigado.

**JARDINS** — Com a aproximação da Primavera, o amanho dos canteiros é uma tarefa a realizar, nesta altura. Semeia-se aqui, planta-se ali; enfim, tudo para que eles fiquem bonitos.

**AGRADECIMENTO** — Agradecemos aos nossos Amigos tudo o que ofereceram na quadra natalícia.

Arnaldo Santos

## BENGUELA

**ELEIÇÕES** — Realizámos as nossas eleições para chefe-maioral, no dia 10 de Janeiro de 1998.

Não nos resta dúvida de que foi uma prova evidente de maturidade que a comunidade revelou, escolhendo o chefe que pode assegurar o bom andamento de vida da Casa.

O momento dos eleitores poderem depositar os seus votos na urna, fez-me recordar uma passagem de Pai Américo, que dizia: «Escolhei o vosso chefe que vos poderá segurar e que tenha o tamanho da Obra».

Todos os rapazes com 12 anos, e que sabem escrever, podem votar. Eram 104 eleitores a cumprir o seu dever.

Todos estávamos na interrogação de quem seria ele, mas a resposta foi dada na contagem dos votos.

Dentre os candidatos propostos — Agostinho, Honório, Tiago e Goia — foi eleito o Tiago, com 59 votos, à primeira volta. O Honório ficou em segundo lugar com 31 votos.

Chegou o momento das palmas da comunidade manifestando a sua alegria. O nosso pai, o nosso Padre Manuel agradeceu a forma como todos cumpriram o seu dever. Pediu ao chefe-maioral que atendesse à confiança que a comunidade nele depositou e pediu a todos que colaborassem com ele.

Acácio Tchimumu (Nelito)

## SETÚBAL

**SILOS** — Como os que tínhamos não estavam em condições, deitámos abaixo dois deles, antigos, que pareciam duas torres.

Começámos, então, a construir três novos silos, mas ao nível do chão para ser mais fácil o tractor entrar e descarregar o reboque.

Deram muito trabalho, pois levaram muito cimento e ferro! Mas valeu a pena porque ficaram muito fortes e com maior capacidade para levarem silagem, palha e ração para as vacas.

Firmino, Vinagre e Amândio

**COMPUTADORES** — Recebemos alguns para a nossa sala. Muito velhinhos, mas limpámos-os cuidadosamente e ficaram como novos.

Afinal, o pior é que nem todos funcionam! No entanto, trabalhamos com eles à vez — para a malta aprender melhor a ler e a escrever...

Filipe, Garcia e Nascimento

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Recebemos com alegria a notícia de que a um dos nossos Pobres foi atribuída uma casa.

Ao fim de seis anos, finalmente, deixou a barraca para viver com dignidade. Pediu que arranjássemos uma mobília de quarto, uma mesa de sala de jantar e as respectivas cadeiras. Recorremos ao Farrapeiro de S. Vicente de Paulo e conseguimos a mobília, mas faltam mesa e cadeiras.

Que Deus os ajude a viver em paz. Agora, só falta outra família que também vive em condições degradantes.

A assistente social da Freguesia confirmará a situação em que vivem, mas, até à data, não há notícias. É uma mulher com muitas dificuldades, bastante doente, cujo sonho é ter uma casinha pequena com cozinha e casa de banho.

É doloroso visitar alguém a viver em péssimas condições. Constroem-se casas, mas só para quem tem poder de compra. O Pobre fica sempre na rectguarda.

**DONATIVOS** — Leopoldina, cheque de 5.000\$00; Dorinda, 2.000\$00; assinante 6762, 16.000\$00; Maria Margarida, 36.000\$00; Manuel Oliveira, cheque de 5.000\$00; amiga, 10.000\$00; Rosalina, 10.000\$00; Maria Teresa, 30.000\$00; assinante 2613, vale de 15.000\$00; O. M., cheque de 10.000\$00; anónimo, 5.000\$00.

Obrigado pelas vossas palavras amigas.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

**FESTA DE NATAL** — Cumprindo uma tradição, muito cara a todos os associados, realizámos a Festa de Natal dedicada aos seus filhos e netos, extensiva aos mais pequenos da nossa comunidade de Paço de Sousa, num saudável convívio e dentro do espírito familiar que se procura manter e estimular.

No renovado salão, agora dotado de excelentes condições acústicas e capacidade para cerca de 300 assistentes, reuniram-se cerca de 90 crianças e 350 familiares acompanhantes.

Abrilhou o convívio, o conjunto musical do «Kid-diango», antigo gaiato, que graciosamente se quis associar. Foram levados à cena alguns números encenados por actuais gaiatos, por eles improvisados, que provocaram o riso alegrando a numerosa assistência.

A festa não poderia terminar sem a distribuição dos brinquedos; e com a merenda para crianças e familiares acompanhantes. Encontro agradável e bem disposto, que prometemos repetir nos próximos anos.

Resta agradecer o empenhamento de todos os colaboradores, especialmente a disponibilidade dos nossos Padres e das Senhoras que se prontificaram a preparar as prendas e as merendas; e, ainda, o «Kid-diango» pelo seu brilhante conjunto.

**REUNIÕES DA ASSOCIAÇÃO** — Preocupada com o progressivo abandono a que alguns associados votam a Associação, a Direcção decidiu, na última reunião, efectuar as próximas de forma descentralizada, procurando promover uma participação mais empenhada nas suas actividades.

Assim, trimestralmente, a Direcção efectuará reuniões dos associados por áreas mais próximas dos aglomerados habitacionais, encontros-convívios previamente anunciados, desta forma evitando desmotivadoras deslocações.

Os associados residentes em zonas habitacionais próximas, ou contíguas, podem sugerir locais mais convenientes, uma vez que se pretende que a primeira tenha lugar já no próximo mês de Março.

Fernando Marques

## Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

Damos conhecimento de duas actividades que programamos para o ano em curso.

Antes, desejamos que o ano de 1998 seja favorável em

saúde, realização pessoal, compreensão e amor familiar. Estas actividades e votos formulados são extensivos a todas as Associações de Antigos Gaiatos.

**ENCONTRO DE JOVENS EM SINTRA** — Filhos(as) de associados com idades compreendidas entre 12 e 18 anos.

Tema: «Como crescer direito»; orientador: Dr. Abel Magalhães; colaborador: Padre Cristóvão; data: 22, 23, 24 de Fevereiro; local: Casa da Obra da Rua, em Sintra; custo calculado: 3.000\$; inscrição: até 30 de Janeiro (contactar José Martins ou Fernanda Martins, Parque Residencial, Lt. 24, 2.º esq., São Martinho do Bispo, 3040 Coimbra, telef. 039-444082).

Esta actividade foi prometida, há dois anos. Estimula os seus filhos a aderir. Precisamos de saber, com brevidade, quem se inscreve para podermos organizar o encontro mais em pormenor. Se tiveres dificuldade de transporte, dá conhecimento. O dia 22 de Fevereiro é um domingo. Os pais poderão aproveitar para conhecerem a zona turística de Sintra e levar os filhos até ao local do encontro.

**PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA** — De antigos gaiatos e familiares. Dia 25 de Abril. Vamos pedir a protecção de Nossa Senhora de Fátima para as nossas famílias e para a Família da Obra da Rua. Vamo-nos conhecer melhor e conviver com antigos gaiatos pertencentes, ou não, a outras Associações.

Transporte: autocarro — se houver pedidos que o justifiquem; inscrição: até 1 de Março (contactar José Martins ou Fernanda Martins, Parque Residencial, Lt. 24, 2.º esq., São Martinho do Bispo, 3040 Coimbra, telef. 039-444082); programa: será enviado, em pormenor, a quem se inscrever. Preveemos o seguinte esboço: 10h30, concentração na Cruz Alta; 11h30, visita a «Os Valinhos»; 13h00, almoço (farnel para quem o levar); 15h00, celebração da Eucaristia na Capelinha das Aparições; 16h00, tempo livre; 18h00, regresso.

Contamos que o nosso Padre Horácio possa acompanhar e presidir à peregrinação. Contamos, também, com a presença dos seus filhos na primeira actividade. E com a tua presença e dos teus familiares, na segunda.

Um abraço fraterno.

José Martins

## Este prato branco

Este prato branco De cerâmica barata Representa o Inverno Agreste e belo Na serra da Estrela! Comprei-o numa casa De artesanato, Regional e variado. É a prova concreta Da minha visita Que por lá realizei E que recordarei Em toda a minha vida! As minhas mãos seguram-no. E os meus olhos admiram-no!

Este prato branco De cerâmica barata Contém a paisagem Bela e selvagem Da água a correr E da neve a cair! E... vale mais do que eu Como poeta A dormir E a escrever!

Manuel Amândio

## RETALHOS DE VIDA

### Bruno



Eu sou o Bruno Filipe Ferreira Monteiro. Nasci no dia 22 de Julho de 1984, na freguesia de Vale, concelho de Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro.

Antes de vir para a Casa do Gaiato, vivia com a mãe e os meus irmãos.

Tinha uma vida muito triste... porque o meu pai batia à minha mãe e falava muito mal. Depois, ela foi ter com a polícia... E, por isso tudo, eu andava muito desgostoso!

Vim para a Casa do Gaiato com quatro anos e os meu colegas puseram-me a alcunha de «Moranguinho».

Ando na quarta-classe e já sei ler e escrever. Quando for grande quereria ser motorista.

Bruno Monteiro

## PASSO A PASSO

## O TIAGO

VIERAM os pequenos dizer-me que o Tiago matara um gato. Ouço e olho o Tiago. Não me revolto, mas quantas revoltas habitam nele?! É o pai na prisão; é a vida da mãe; eram as condições em que vivia; o baraco a arder e ele a correr para chamar os Bombeiros...

Só consigo dizer-lhe: — Meninos, não se faz mal aos animais! Como poderia ir mais longe? Pois se tanto mal lhe têm feito, que admira que o Tiago tivesse sido capaz de fazer aquilo?

A importância deste acontecimento está em que o afecto e todo o ambiente em que o Tiago tem vivido ainda não o fizeram amar mais todas as outras criaturas. Mas lá chegaremos, assim cremos e esperamos.

Mas também ele é fruto desta sociedade. Sociedade que produz lixo, muito lixo. Enche dele as cabeças, quer sejam dos estratos altos quer dos baixos. E se também ela é cada vez mais uma sociedade homicida! E que mata os seus próprios membros. E sociedade que se diz solidária, avançada nos seus meios de solidariedade. Mas se o não é com os seus membros mais indefesos, como pode ter a pretensão o ser?

Nos tempos pré-revolucionários a 1974, dizia-se que os comunistas matavam as crianças e os velhos. Agora aí temos essa tal sociedade. São as crianças no seio de suas mães e as que vão crescendo; são os velhos lançados nos modernos asilos, vulgo lares, sem direitos e

condenados por uma sentença de morte que os acusa de serem estorvo!

A lei de amar nunca foi lei social. Como o poderia ser se o amor é a contradição da lei? É quantas vezes quebrar a lei, a norma, por causa de um bem maior!

Querem agora alargar os poderes de uma lei infanticida. Afastar ainda mais o amor da vida pessoal e social. Afastar da mente individual e colectiva a capacidade de sofrer pelos Outros. Porque sofrer nada vale, assim crêem. Muito menos a justiça! Pois se nem por uma causa justa! Pela vaidade, sim. Sim pelo poder, pelo domínio, pela soberba...

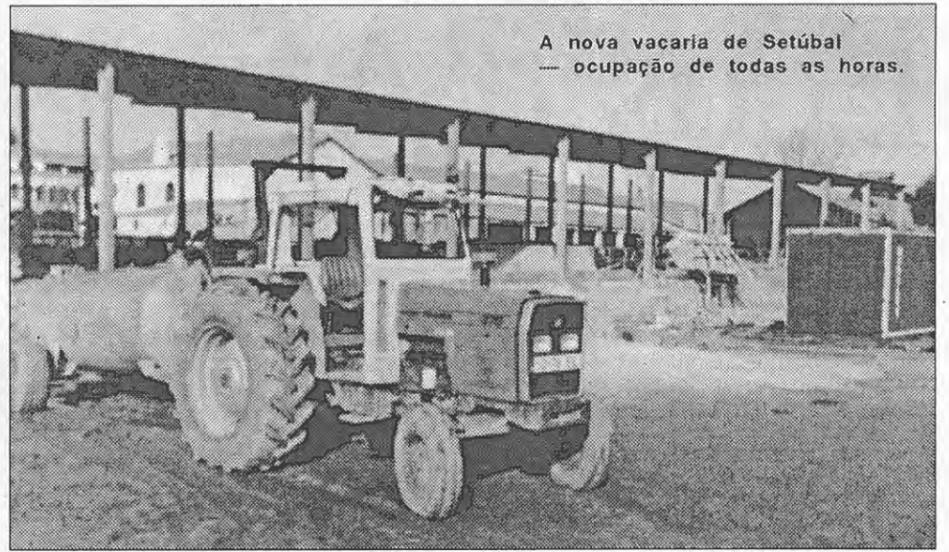
Nos seus tenros anos, o Tiago é mais uma vítima que carrasco. Não se pode dizer o mesmo de muita outra gente...

«A democracia, não é princípio de verdade», creio ter dito assim um dos nossos Bispos. Partimos deste pressuposto em que acreditamos, para quê queremos saber o que diz a maioria em matéria tão sem discussão como é a escolha entre a vida e a morte de seres humanos? A segunda, quando procurada, só pode ser suicídio ou homicídio...

Mas viver diminuído, fortemente incapacitado, é viver dignamente, é possível ser-se feliz? Porque procura tanta gente cheia de dignidades as muitas formas de alienação que hoje estão aí à mão?

O Tiago aí está, vai crescendo e há-de desejar cada vez mais a vida porque juntos com ele na noite sempre aguardamos que o sol nasça.

Padre Júlio



A nova vacaria de Setúbal — ocupação de todas as horas.

## Setúbal

## Ainda o Natal

UM fantasma é sempre uma ilusão. É muito pernicioso, sobretudo para quem usufrui o dom de educar, confundir a quimera com a realidade.

A sociedade, hoje, como vive de muita ilusão facilmente se deixa arrastar pelo ilusório astucioso do consumismo.

A propaganda comercial explora com muita habilidade esta fraqueza do homem hodierno, criando um ambiente intoxicado de

meias verdades, destruindo nos menos hábeis e menos maduros a capacidade de discernir o que é bom do que é mau, o que é verdadeiro do que é falso.

À custa de repetir tantas vezes o fictício, acaba por torná-lo real na cabeça das pessoas.

É assim com o *Pai Natal*. Um inverosímil palhaço que domina tiranicamente o tempo natalício e faz que as pessoas se sintam obrigadas a prestar-lhe culto comprando prendas para os outros.

É verdade que nesta magnífica quadra celebramos a

maior prenda que alguma vez a história do Homem registou ou voltará a assinalar: O dom do Filho único de Deus a todos os povos, a todos nós, que a opressora ficção conseguiu ofuscar e mesmo destruir.

Veio até nós um jovem pai com os seus três filhos ainda crianças e em escada de idades, de 6 anos para baixo, tendo deixado em casa um bebé, trazer 116.730\$50 e este recado: — *Este ano, em família, resolvemos não dar prendas a ninguém e dar aos Pobres o que gastaríamos naquele rito pagão.*

Os subsídios de Natal que há vários anos recebemos de uma amiga que não dá presentes a ninguém aparecem igualmente como finalidade de esconjurar o absurdo e imaginário *Pai Natal*.

O menino Jesus que desce pela chaminé carregado de presentes para pôr no sapatinho ou o velho de barbas, coberto de vermelho até ao bico dos pés, não passam de criações do imaginário pagão para destruir o verdadeiro Natal.

O ambiente cultural dominado por certas figuras afastou para muito longe a lição do presépio e impô-las definitivamente. É urgente esconjurá-las. Com acções, com vida, repelência absoluta ao fantástico e opção radical por Jesus Cristo do Evangelho.

\*\*\*

Nonio Hiross é uma empresa sediada em Lisboa e arredores, a qual, há muitos Natais, reparte connosco o fruto do seu trabalho. Fá-lo de maneira generosa e secreta, acompanhando sempre o seu óbolo com palavras e sentimentos de estímulo encorajador.

Na última edição do Jornal, por culpa minha, saíu 1.500\$00 em vez de 1.500 contos. Aqui fica registada esta involuntária gralha que não foi protestada por ninguém a não ser por mim.

Padre Acílio



O Lipe, qual flor entre flores!

## DOCTRINA

A Caridade é solícita  
Das Epístolas de S. Paulo



DEPOIS que dei aqui notícia da minha ida a Lisboa pedir o Natal dos Pobres, tenho recebido cartas com listas de nome e morada de pessoas amigas de quem me escreve, consideradas capazes de ouvir e atender o meu deprecar. Não se trata de cartas anónimas, conquanto não tragam nome. Não são ciladas nem perfídias; nunca ninguém me enganou no negócio em que me emprego; não. São antes uma comparticipação, um rebate de consciência cristã, um desejo de que nada falte nas festas do Natal a quem nada tem.

NÃO prometo ir a todas as portas, que o tempo não me dá para tanto; o que de maneira nenhuma desqualifica a boa vontade das pessoas gratas e generosas que me deram as indicações. Se são famílias e pessoas amigas de dar, não falta quem apareça na minha vez. Nem o que pede nem o que dá, prestam para alguma coisa; nem mesmo eu receberia mais por me antecipar aos outros — não senhor. Deus é quem guarda a cidade! Muito mais do que as esmolas que eu porventura viesse a receber, muitíssimo mais vale o entusiasmo fervoroso de quem

mandou ir recebê-las. Oh, o mundo não conhece as Realidades eternas e chama imbecil a quem acredita nelas!

NO dia sete deste mês vamos fazer o Natal dos Doentes dos Lázarus. Calha num domingo; é o Dia do Senhor. Não faltes tu com a fruta e o mais dos mais anos, que eu não faltarei com as boroas. As catorze horas, na porta de ferro que diz para o Largo do Castelo. Não é necessário que tu venhas pessoalmente e ostensivamente com a oferta dos Doentes; manda os teus criados e fica em casa escondido para assim colheres cento por um, que é a paga dos obreiros do Evangelho. Eu tiro dos cestos o que vier dentro e dou o teu recado.

OUTRA incumbência que me propus, é levar ao Sanatório Infantil do Caramulo um pequenino de oito anos. Dizem que é lindo o passeio de Águeda à Serra. Será, mas a maior beleza vai escondida debaixo da minha capa! Perfilhei este Enjeitado que, no regresso da cura, há-de formar na ala feliz dos que moram na Casa do Gaiato. Pedem-me, da Estância, o enxoval (...). Tantos títulos no meu giro de hoje para ser escutado por quem tiver ouvidos de ouvir! Tantos, que me antevejo ocupado com a abertura de infinitos pacotes e alvorçado com o conteúdo deles. Assim seja.

*D. Acílio 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

# Ecos d'África

Continuação da página 1

Fátima: Um Amigo que conhecemos em Malanje quando em 1963 para lá fomos: «Minha Mulher foi chamada pelo Senhor. Deixou fundos para distribuir, tendo às várias Casas do Gaiato cabido o cheque junto». Naturalmente as Casas em África estavam em primeiro plano. E continuam, pois muitas vezes este Amigo nos lembra, mesmo sem ser no cumprimento da vontade da Esposa.

Um Contributo Penitencial de algures com esta legenda: «Por favor, não enviar recibo nem agradecer». E tratava-se de grossa fatia!

De Guimarães: «Este cheque é para ajudar na compra dos três motores de rega para Benguela, conforme vinha no V. Jornal. Não publique nome. Deus sabe».

Da Covilhã: «Muito caro Júlio Mendes. Escrevo-lhe a si para não estar a incomodar os Padres da Casa. (...) Em matéria de necessidades como vamos conhecendo melhor o que se passa pelo mundo, cada vez vemos mais. E as grande potências (relativamente às quais tenho certa raiva) no que respeita a África, se não houver petróleo ou qualquer coisa que lhes interesse, não intervêm. E quando uma pessoa sabe do ditador Mobutu, um dos mais ricos homens do mundo, com casas em toda a parte e o povo dele a morrer de fome sem que as ditas grandes potências se incomodem, ainda fico pior. Ao menos o Fidel Castro não é rico. Só isso já o põe menos longe de Deus. Peço desculpa do tempo que lhe tirei, mas preciso de desabafar de vez em quando».

O Famoso é tal também por isto: por ser lugar de desabafos.

Dois devotos da Casa do Gaiato de Malanje: Um Isaque, de Oliveira do Douro; e um Manuel, da Senhora da Hora.

Um Assinante, de Alpalhão, «pensando principalmente em África, mas pode aí ficar algum».

Uma presença muito simpática que nos toca muito: Um jovem estudante e jogador de futebol que põe nas mãos do seu pároco as suas economias com esta finalidade. Outra, semelhante: a de Conferências vicentinas.

Assinantes que põem generosamente em dia as suas assinaturas e sugerem que o remanescente tenha por destino as Casas de África — esses são inumeráveis e não há espaço para transcrever algumas das legendas enviadas que exprimem tal intenção.

Outros, preocupados com as dificuldades de que vão sabendo pel'O GAIATO — chegada de contentores, escola, acesso ao hos-

pital, aquisição de remédios, etc., etc. — movem influências que possam aplanar caminhos.

E, porque nem de longe podia de uma só vez dar volta ao lote imenso de correspondência que fui guardando, termino, hoje, com esta carta de um nosso grande Amigo, de há muitos anos, alta patente das nossas Forças Armadas, onde contamos, graças a Deus, tantas e tão boas amizades: «Eu tenho muitos pecados, mas julgo que o maior é desperdiçar, ou não provocar, as oportunidades de lhe escrever mais ou de ir aí e termos um ou vários encontros pessoais. Mas é assim, os dias vão-se sucedendo aos dias, os bons propósitos aos bons propósitos e, pronto, estamos outra vez em mais um Natal. E aí já não há remédio, o tempo já passou».

Bem, mas como não foi por preguiça ou indiferença estou perdoado, não estou?

De resto, pelo menos eu, tenho O GAIATO que leio, de imediato, sempre com muito interesse. Especialmente as sagas das vossas Casas em África. Por vezes fico arrepiado com a tragédia que aí enfrentam e a coragem com que teimam e teimam até vencer.

E, observando outra Comunicação, dita social, me pergunto por que há tanta organização a tentar socorrer os miseráveis por esse mundo fora, perdendo-se em burocracias, em publicidade, em meras esmolas que são migalhas, de que nada fica senão mais desespero, angústia e frustração, e não atentam na vossa Obra toda feita de dádiva humana, indo às raízes, levantando paredes, plantando campos, criando gado, ensinando a viver com dignidade pela via do trabalho consciente, responsável e eficaz. Coisas, mistérios, num Mundo que parece não se querer arrumar.

Santo Natal e muitas felicidades para todos, cá e lá, são os meus sinceros e amigos votos.»

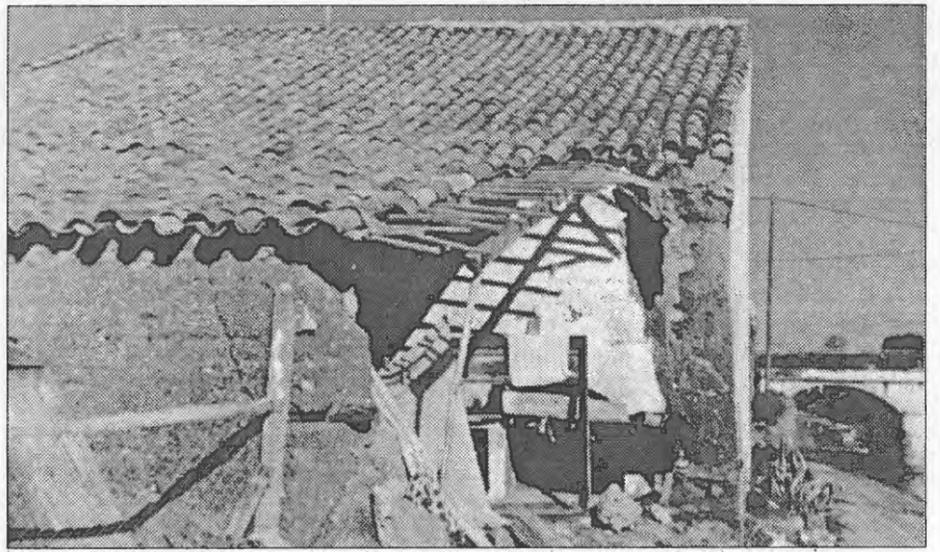
Aqui fica, a fechar, esta chamada à nossa reflexão.

Padre Carlos

## PENSAMENTO

Não há no mundo nada mais agradável do que a eloquência do coração a dizer coisas humanas com sentimento divino.

PAI AMÉRICO



Debaixo das ruínas estava morto o casal que habitava esta casa

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

### Um dia pelo Alentejo — I

**P**ARTIMOS de casa manhãzinha que o caminho era longo. Queríamos ver e sentir e dar testemunho aos nossos Leitores do luto e desânimo daquela gente mais atingida pelas cheias e ver também as ruínas de casas de habitação, terras e tudo o que estava à beira de rios e de riachos. Um panorama todo ele triste e desolador. Procurámos no centro da Vila distante e entrámos numa repartição pública para nos informarem das povoações mais atingidas. Depois de nos esclarecerem, veio logo a informação: «Já está tudo resolvido». Pareceu-nos informação política.

Seguimos e fomos parar na praça da primeira povoação. Muitos homens sentados nos bancos. Semblantes tristes e doridos, logo desabafaram:

— Foi uma grande desgraça! O pior foi pela beira do rio. Morreram algumas pessoas debaixo das casas que caíram. Estivemos todos muito aflitos e só mais tarde

nos vieram socorrer. Agora têm cá aparecido muitos senhores com promessas, mas ainda ninguém fez nada. Continuamos à espera. Não sabemos se nos ajudarão. Os senhores vão ver o que por aí vai.

Seguimos. Fomos parar junto ao rio que passa pelo meio da povoação. Apareceu-nos logo um quadro tétrico. Muitos edifícios no chão, em ruínas.

— Naquela casa morreu o casal que a habitava. Não tiveram tempo de fugir.

As lágrimas caíam pela face de quem nos falava. As ruínas lá estavam.

A caminho, entre as povoações, o panorama é desolador. Tanto lixo! Tantos ramos de árvores dependurados noutras árvores! As pessoas que encontramos tão destroçadas! Os quintais muito devassados pelas águas de aluvião! Tanta coisa destruída!

Na outra aldeia o panorama é avassalador. As águas saltaram do leito do rio e invadiram casas e quintais. Plásticos, roupas, ramos e arbustos continuam dependurados nas árvores. Pedregulhos e valeiras de

areia por todo o lado dão testemunho da violência das águas soltas.

Ao chegarmos, dirigimo-nos à primeira senhora que encontramos:

— Olhem para esta desgraça que para aí vai! Fui ali comprar esta tábuca de passar, para substituir aquela que a água me levou. E ainda não está nada feito.

Mais acima, outra senhora vestida de luto carregado desabafava:

— O meu marido e eu ficámos na cozinha com metro e meio de água até ao pescoço. Deus não quis que a gente fosse ainda agora. Tivemos mais sorte do que aqueles que morreram debaixo das casas. Já ninguém lhes pôde acudir.

E as lágrimas caíam-lhe em fios pela cara abaixo.

Perguntámos-lhe se já tinham começado as obras e ela respondeu:

— Só ainda vieram trazer algum tijolo que foram colocar lá em cima.

No fim, dirigimo-nos a outra autoridade que nos informou que estava tudo resolvido. E esta pobre gente continua à espera.

Padre Horácio

## CALVÁRIO

# A prevenção não faz parte da nossa educação

**A** brisa, fria e húmida, desta tarde de Inverno agita o galho da carvalha, alta e esbelta. Duas folhas amarelecidas desprendem-se e bailam felizes no ar. Lentamente vão descendo em rodopio e tombam, de mansinho, no avental da Ermelinda que o esteridou para as recolher. Ao vê-las no regaço, a rapariga sorri e exclama radiante: — Apanhei-as! Já não é preciso varrê-las.

Cenas como esta são frequentes em nossa Casa. Instalou-se um clima de prevenção que a todos atinge.

A porta do pavilhão dos doentes está o Carlos.

— Anda! Limpa os pés no tapete, senão vais-me sujar o chão

e depois tenho de o limpar — diz aquele para o Luís que se apronta para entrar.

A prevenção é medida eficaz para resolver atempadamente tantos problemas. Muitos deles na vida dos homens, da sociedade, do planeta são solúveis pela prevenção. Quando esta não se verifica, as consequências tornam-se factores que afligem, que perturbam, que implicam tempo e trabalho.

Dizem que o chinês não pagava ao médico para o curar, mas para lhe conservar a saúde. Ora, não é isto que se constata; não é por estes caminhos que nós ocidentais vamos andando.

A prevenção, infelizmente, não faz parte da nossa educação. Por isso, andamos normalmente a remediar.

Pontualmente tomam-se medidas preventivas, mas a prevenção não está no pensar e no agir do dia-a-dia. Todos perdemos com isso na vida pessoal, profissional, social no ambiente que nos rodeia. E, por isso, constantemente ouvem-se queixas de todo o género.

São os pais que lamentam o comportamento dos filhos.

São os professores que já não sabem o que fazer com os alunos.

São muitos casais que se arrependem do laço dado e se separam.

São as populações que barafustam por via do ambiente degradado, da segurança ameaçada.

São os governantes que andam a tapar buracos e a remendar o mal executado.

Somos todos a lamentar.

A prevenção em tempo útil é, na verdade, a grande medida que a todos beneficiaria. Homem prevenido vale por dois — diz a sabedoria popular.

Já a Sabedoria divina, anterior a todas as sabedorias humanas, tudo fez previamente para que o homem se sentisse bem no mundo onde o colocou. Assim o homem procedesse, agindo e actuando a pensar no seu semelhante.

Mas, não. Cada um olha egoisticamente por si próprio e não se cuida de pensar nos Outros. Aliás, o alheamento é tantas vezes uma forma indirecta de egoísmo. Até frequentemente o homem nem sequer deseja o seu melhor bem. Os males que o afligem, são tantas vezes o fruto do erro na escolha dos bens que elegeu para si.

Querer que todos se sintam bem no mundo, como Deus quis e deseja, devia ser preocupação habitual e todos lucraríamos com isso.

As folhas continuam a cair nos caminhos. Por vezes são tantas, que já não há outro remédio se não varrê-las para podermos caminhar.

Padre Baptista